

CARACTERÍSTICAS CENTRAIS DA NARRATIVA GÓGOVANA E A MOTIVAÇÃO MORAL A PARTIR DE TCHITCHIKOV EM ALMAS MORTAS, DE NIKOLAI GÓGOL

MÁRLON COÍ ROJAS¹; EVANDRO BARBOSA²;

¹*Universidade Federal de Pelotas - marlon.rojas94@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – evandrobarbosa2001@yahoo.com.br*

1. Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar brevemente a obra *Almas Mortas* de Nikolai Gógol apresentando um parecer sucinto sobre a narrativa Gógovana e a motivação moral a partir do comportamento do protagonista Tchitchikov na primeira metade da obra. A magnum opus do escritor russo-ucraniano Nikolai Gógol, “Almas Mortas” (Мёртвые души - Myórtvyjye dúshi) [1842], narra a trajetória de Tchitchikov. Um aventureiro ex-oficial do governo que compra as almas de servos mortos com o objetivo de fazer fortuna e ascender socialmente. A motivação moral, por sua vez, diz respeito a como, por que e se os juízos morais (ou seja, juízos de que alguma ação é correta, moral ou ética ou virtuosa) motivam alguém a agir.

2. Metodologia

Do ponto de vista metodológico, buscou-se utilizar a obra *Almas Mortas* e outros textos de apoio para traçar um breve panorama da narrativa de Nikolai Gógol. A sucinta análise da motivação moral desde o comportamento da personagem, por sua vez, foi baseada em parte do trabalho realizado na bolsa de iniciação científica, sob o título de *Agente normativo e mind-dependence na teoria contrato-construtivista de John Rawls*, que consistia na tradução de textos de metaética, construtivismo, realismo, normatividade e contratualismo.

3. Resultados e Discussão

Uma das principais características da escrita de Gógol é sua visão “impressionista” da realidade e das pessoas. O escritor ansiava minar as ilusões românticas do romantismo russo ao tornar a vulgaridade dominante onde havia espaço apenas para o belo e o excepcional reinarem. Na sua obra é perceptível um realismo que equilibra-se entre o grotesco, o delirante, o humor e, por vezes, a sátira, de modo que o real possui características vigorosas, alegóricas e fantásticas, ou como Boris Schnaiderman pontua em *Almas Mortas, a visão de um Poeta* (2014), “[...] o real, em Gógol, está sempre

mesclado de fantástico”. “[...] Em Gógol, o descomunal, o inusitado, passam a fazer parte do cotidiano, o real torna-se muito mais vasto que a empiria” (pág. 15).

Na narrativa Gógoliana, a fase inicial do escritor, marcada por temas como o folclore, o mito, e o fantasioso, começa lentamente a dividir espaço com a “satirização” dos costumes e das atitudes, ou como bem destaca Arlete Cavaliere em *Os Arquétipos Literários: para uma leitura do grotesco em Gógol* (2006):

“Os traços arquétipos anteriores transformam-se assim no fantástico da prosa de costumes, e todo o demonismo se metamorfoseia em metáforas de um mundo social caótico: o caos primordial é agora representado pelo caos social e econômico, e o arquétipo do diabólico projeta-se muitas vezes no simbolismo da tentação burguesa ao dinheiro” (pág. 94, 95)

Ainda a respeito da “satirização”, do fantástico e da alegoria, Ana María Barrenechea assinala no *Ensayo de una Tipología de la Literatura Fantástica* (1972):

“[...] se vea el caso de que lo alegórico refuerce el nivel literal fantástico en lugar de debilitarlo, porque el contenido alegórico de la literatura contemporánea es a menudo el sin sentido del mundo, su naturaleza problemática, caótica e irreal.”
(pág. 395)

A natureza problemática, caótica e irreal reforçada pela alegoria são perfeitamente perceptíveis na literatura Gógoliana, sobretudo na segunda fase do autor, e nas suas caricaturas, nos seus “rebaixamentos cômicos”, onde o fantástico parece imperar em um nível cômico, grotesco e humorístico, em constante deslocamento entre planos terrestres e supraterrestres.

Acerca da maneira como os servos “habitam” a narrativa, os censos no período em que transcorre a história eram pouco frequentes. Os proprietários de terras geralmente pagariam impostos sobre os servos que já não viviam, sendo assim, “almas mortas” que “existem” apenas no papel. Sob essa premissa, Tchitchikov procura os proprietários nas aldeias que ele visita informando aos potenciais vendedores que ele tem um “uso” para estas “almas”, uma vez que vendê-las aliviaria os atuais proprietários de uma carga tributária desnecessária. O enredo baseia-se nestas “almas mortas” (ou “servos mortos”) que ainda são contabilizadas nos registros de propriedades. De certo modo, o título não faz referência apenas aos “servos mortos”, mas também às “Almas Mortas” que povoam a narrativa. Em outras palavras, os personagens representam diferentes facetas do seres típicos da classe média russa da época, denominada *poshlost* (пóшлость). A *Poshlost* era

uma classe média moralmente escusa e “vulgar”, pretensiosa e presa a ideais falsos de inteligência, beleza, importância, atração. Segundo Svetlana Boym:

“Poshlost é a versão russa da banalidade, com um característico sabor de metafísica e alta moralidade, e uma conjunção peculiar do sexual e do espiritual. Esta única palavra abrange a trivialidade, a vulgaridade, a promiscuidade sexual e a falta de espiritualidade.” (BOYM, 1994. pág. 41, tradução nossa)

A “tentação burguesa ao dinheiro” somada à funesta pretensão a ascender socialmente sob qualquer meio, lícito ou ilícito, ou a qualquer custo, alicerça a estrutura para a personagem comprar os títulos dos senhores de terra para os servos mortos com o intuito de impotear-lhes o capital e, assim, tenta fazer uma fortuna. A questão relativa ao comportamento de Tchitchikov adquire contornos ainda mais epistemológicos se analisada tendo como base a motivação moral.

A motivação moral diz respeito a como, por que e se os juízos morais (ou seja, juízos de que alguma ação é correta, moral ou ética ou virtuosa) motivam alguém ou, neste caso, Tchitchikov, a agir. Sendo assim, os juízos morais, pelo menos às vezes, motivariam Tchitchikov a agir, mas para alguma dimensão não especificada. Os internalistas sustentariam que os juízos necessariamente morais motivariam Tchitchikov, pelo menos até certo ponto. Um internalista motivacional acreditaria que há uma conexão interna e necessária entre a convicção de que Tchitchikov deve comprar as almas de servos mortos visando o lucro e a motivação para comprar as almas de servos mortos visando o lucro. Já um externalista motivacional afirmaria que não há conexão necessária entre a convicção de que comprar almas de servos mortos visando o lucro é errado e o impulso motivacional para não comprar almas de servos mortos visando o lucro.

Elastecendo a discussão, Iakovos Vasiliou destaca em “Moral Motivation: A History” (2016), que os filósofos anteriores a David Hume e Immanuel Kant tinham como ponto de partida a suposição de que os seus leitores agiriam moralmente caso pensassem nos juízos morais com pleno conhecimento, racionalidade e sentimento. O enfoque desses filósofos, em alguns casos, também era direcionado à argumentação contra um tipo de “cético moral”, que argumentaria que os juízos morais não devem motivar de maneira irrelevante, mas apenas até certo ponto. O que, de modo geral, significaria que nesta visão, (às vezes ou muitas vezes) seria melhor para Tchitchikov agir “de forma contrária ao que exigiria a moral ou a virtude”. (VASILIOU, 2014) Do mesmo modo em que, dependendo do ponto de vista, tanto desejos quanto crenças poderiam motivá-lo, uma vez que as crenças também são “estados motivacionais ou eficazes, ou podem gerá-los.” Vasiliou também destaca:

“A posição de alguém pode sustentar que a motivação para se abster de agir não faz parte da crença de que alguma ação está errada; deve-se já desejar abster-se de fazer mal. E é esse desejo, ao invés de qualquer crença ou juízo, que motiva alguém a se abster de um ato. Se esta é a visão de alguém, então, pode-se investigar a origem desse desejo ou como inculcá-lo em alguém. Se alguém se perguntar por que alguém deveria ter tal desejo (ou seja, ser motivado para agir de forma moral), então retornamos ao desafio do céptico. (pág. 7; tradução nossa)

Ou seja, em termos gerais as crenças de Tchitchikov poderiam motivá-lo a agir sem necessariamente haver o envolvimento de algum desejo, da mesma forma em que alguns casos essas crenças gerariam os seus desejos.

4. Conclusões:

Este trabalho apresentou de maneira concisa as características centrais da narrativa Gógoliana a fim de construir os alicerces para futuros artigos e pesquisas mais aprofundadas na obra do autor e nos gêneros da literatura fantástica e da sátira menipéia. Sob a mesma ótica, foi feita a pesquisa circunstancial a respeito da motivação moral. A sucinta análise não buscou necessariamente uma resposta ou uma conclusão, mas uma breve leitura da motivação moral e, em parte, do internalismo e externalismo motivacional, a partir do comportamento de Tchitchikov, com intenção de estudá-lo de maneira mais abrangente em futuras leituras da narrativa e da motivação moral.

5. Referências Bibliográficas:

BARRENECHEA, Ana María. - *Ensayo de una Tipología de la Literatura Fantástica* - Revista Iberoamericana Jul./Set., 1972. p. 391-403.

BEZERRA, Paulo. - **As Múltiplas Facetas de Gógl**; In: GÓGOL, Nikolai. - **O Capote e outras histórias** - Tradução de Paulo Bezerra - Editora 34, 2010.

BOYM, Svetlana. - *Common Places: Mythologies of Everyday Life in Russia* - Harvard University Press, 1994.

CAVALIERE, Arlete. - **Os Arquétipos Literários: para uma leitura do grotesco em Gógl**; In: BERNARDINI, Aurora Fornoni; FERREIRA, Jerusa Pires; - **Mitopoéticas: da Rússia às Américas** - Associação Editorial Humanitas, 2006.

GÓGOL, Nikolai. - *Almas Mortas* - Tradução de Tatiana Belinky - Perspectiva, 2014.

KIRCHIN, Simon. - *Metaethics* - Palgrave Macmillan UK, 2012.

SCHNAIDERMAN, Boris. - **Almas Mortas, a visão de um Poeta**; In: GÓGOL, Nikolai. - **Almas Mortas** - Tradução de Tatiana Belinky - Perspectiva, 2014.

VASILIOU, Iakovos. - *Moral Motivation: A History* - Oxford University Press, 2016.